

PRÉDIOS ESCOLARES E A INSTRUÇÃO FORMAL NOS PRIMEIROS ANOS DO BAIRRO ITARARÉ: O PÚBLICO E O PRIVADO NAS DÉCADAS 1970 E 1980

Cláudia Cristina da Silva Fontineles
Professora Doutora do Departamento de Métodos e Técnicas de ensino (DMTE) e
da Pós-Graduação em História - UFPI

Mariane Vieira da Silva
Acadêmica do curso de Pedagogia – UFPI
Bolsista PIBIC-UFPI

RESUMO

O presente artigo visa discutir as repercussões acerca da implantação das três primeiras instituições escolares do bairro Itararé e do Centro Social Urbano (CSU), prédios públicos fundamentais para a fixação da população e expansão urbana daquela região, que ao lado da Fundação Bradesco, escola privada e de cunho filantrópico, destacam-se naquele espaço como elementos urbanísticos e educacionais. A metodologia adotada para a realização desse trabalho compreende pesquisa de campo, levantamento, digitalização e análise de documentos acerca da história do bairro, assim como de seus prédios públicos e privados estudados; também foi realizada fundamentação teórica pertinente à temática investigada, baseados em autores como Décio Gatti Júnior, José Luís Sanfelice, Ester Buffa e Justino Magalhães. Construídos em um bairro pobre e marginalizado socialmente, as três primeiras instituições escolares do bairro, em parceria com o CSU, configuraram o principal centro irradiador de educação e cultura formal para aquele conjunto habitacional naquela época. A Fundação Bradesco, implantada alguns anos depois da inauguração do bairro, veio contribuir para a formação educacional daquela clientela carente. Dessa forma, o público e o privado, com realidades destoantes, colaboraram para a formação educacional dos primeiros moradores, ademais foram fundamentais para a urbanização do bairro.

Palavras-chave: História da Educação. Instituições escolares. Teresina.

Idealizado e construído às margens da capital piauiense, distante do centro e nas proximidades do Terminal de Petróleo, o bairro Itararé começou a receber seus primeiros mutuários ainda no final da década de 1970. Marcado por condições infra-estruturais precárias e insalubres, entre outros problemas, o Itararé surgiu do interesse dos governantes da época em deslocar para essa região da cidade as famílias pobres e numerosas provenientes de moradias irregulares e favelas da zona leste teresinense, em intenso ritmo de crescimento urbano e imobiliário. A fim de fixar a população naquela região, que naquele momento desistiam de suas moradias em consequência dos inúmeros problemas que assolavam o conjunto habitacional recém inaugurado, foram construídos prédios públicos, entre os quais as três primeiras instituições escolares do bairro, Odylo de Brito Ramos, Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves, que ao lado do Centro Social Urbano do bairro proporcionaram instrução formal aos filhos dos primeiros moradores daquele espaço sob influência das normas educacionais vigentes e costumes que permeavam a sociedade na época.

Visando conhecer melhor o contexto acima, surgiu o projeto de pesquisa: “Primeiras Instituições Escolares no Itararé: Histórias e Interfaces com a Expansão Urbana (1978 e 1988)” que tem como objetivo principal reconhecer as contribuições das primeiras instituições escolares do bairro Itararé – Odylo de Brito Ramos, Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves - para a expansão urbana da região entre as décadas de 1970 e 1980, ao lado de outros prédios públicos, também considerados marcos inaugurais, e do primeiro prédio privado do bairro, a escola filantrópica Fundação Bradesco.

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa consistiu em um estudo de campo nas escolas investigadas, levantamento e digitalização de documentos na Secretaria Estadual de Educação, Arquivo Público do Piauí e Agência de Desenvolvimento Habitacional (ADH), além de leituras e estudos frequentes da bibliografia pertinente a temática pesquisada, com enfoque nos trabalhos de Décio Gatti Júnior, José Luís Sanfelice, Ester Buffa e Justino Magalhães.

Bairro Itararé: alguns marcos inaugurais

Conforme o plano de trabalho da pesquisa e, à luz da teoria estudada, é necessário que se compreenda o contexto histórico acerca da construção e inauguração do conjunto habitacional Itararé para que possamos melhor discernir sobre o processo de implementação das três primeiras instituições escolares no bairro. Sem deixar a dimensão didática de lado,

precisamos salientar que os fatos não ocorrem isoladamente e de forma despreziosa, pois “nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para o seu entorno” (SANFELICE, 2007, p. 78). Assim, estudar história da educação significa interpretar toda a conjuntura histórica que circunscreve o fato, remetendo a totalidade histórica proposta por Buffa (2007) e Sanfelice (2009).

Partindo das informações contidas e analisadas nos documentos oficiais e fontes hemerográficas encontradas na ADH (antiga COHAB-PI) e no Arquivo Público do Piauí, respectivamente, o Conjunto Habitacional Itararé foi criado pelo Governo Federal e financiado pelo Banco Nacional de Habitação onde as primeiras 940 primeiras unidades habitacionais começaram a ser ocupadas a partir do dia 1º de junho de 1977. Convém destacar que o Itararé foi destinado a inúmeras famílias carentes provenientes de favelas e habitações insalubres que despontavam na zona Leste da capital piauiense na década de 1970, mais precisamente nos bairros Jockey, Ininga, Fátima, São João e Ilhotas. Dentro dessas características, foi traçado um perfil familiar prioritário a ser beneficiado com essas moradias, conforme o publicado pelo Jornal do Piauí na época: “Entre os inscritos será feita uma seleção levando em conta uma série de itens, como quantidade de filhos e renda familiar, apurados em pesquisa e entrevista com os proponentes feitos pelo Serviço Social da Cohab” (COHAB... 1977, p. 03).

Quando aqui chegavam e se instalavam, tais famílias deparavam-se com inúmeros problemas, a começar pelas próprias habitações do tipo “embrião” que não comportavam todos os membros de uma mesma família visto que muitas casas eram constituídas apenas de sala, cozinha, banheiro e varanda, outras sala, cozinha e banheiro ou ainda somente sala, banheiro e varanda, segundo a Certidão de construção do bairro Itararé (1981). Transporte coletivo de qualidade inferior, falta de saneamento básico, assim como o abastecimento de água insuficiente, assistência médica precária e a proliferação de doenças era uma constante no bairro, conforme registros encontrados no Jornal O Dia do dia 5/6 de março de 1978, p. 01 que dão conta que nas épocas chuvosas as poças d’água acumulavam focos de doenças infecto-contagiosas, inclusive sarampo e ainda, a existência de um único chafariz no bairro não atendia as necessidades da comunidade.

A situação precária do bairro, relatada anteriormente, e sua distância do centro em muito contribuía para que muitos dos primeiros habitantes do Itararé desistissem de suas casas e retornassem para as moradias irregulares que ocupavam anteriormente. Tendo em vista essa situação, o Governo, quando da elaboração do projeto de construção do conjunto habitacional Itararé e posteriormente, tomou algumas providências e estabeleceu algumas melhorias que

visavam à adaptação desses mutuários a sua nova realidade; dentre essas melhorias estão a implantação dos primeiros prédios públicos, entre os quais as três primeiras instituições escolares da região: Odylo de Brito Ramos, Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves. Inauguradas em março de 1978, cada escola possuía quinze salas de aula e objetivavam, principalmente, fornecer educação formal a clientela infantil da região, desocupada até aquele momento.

Ao lado dessas instituições escolares, os outros “equipamentos comunitários” (ATA DOS TRABALHOS, 1977, p. 01) foram construídos. O centro comercial (atual mercado do Dirceu I) e a delegacia distrital que prestavam serviços a comunidade e possibilitaram o crescimento econômico da região, foram imprescindíveis para a fixação dos primeiros mutuários no conjunto, para a expansão urbana da região, além de ser uma evidência de que o bairro foi planejado. Sobre isso, a publicação do Jornal O Estado infere que o Itararé desde seus primórdios já foi projetado para ser uma cidade como podemos conferir a seguir:

Com obras de pavimentação, o conjunto Itararé será a **primeira cidade satélite** do Piauí, dotada de toda infraestrutura urbana. O conjunto já conta atualmente com vários serviços públicos, destacando-se o **mercado**, um **posto de saúde**, **escolas**, **centro social**, além de água e luz e brevemente o saneamento básico, através da pavimentação. (DIRCEU... O Estado, 28 jul. 1978, p.7)

De acordo com nossas investigações, pudemos constatar que o “Grande Dirceu” cresceu e ganhou proporções de uma cidade graças a instalações de prédios públicos e outros marcos inaugurais que se fizeram presentes na história do bairro Itararé que também contribuíram para a expansão urbana e populacional daquela região. Sobre isso, o Jornal do Piauí de 13 de julho de 1978 afirmou que até maio do ano seguinte a população do bairro chegaria a um total de 50 mil habitantes.

O crescimento da população e da região também está condicionado a inauguração do Conjunto Habitacional Itararé II, com cerca de quatro mil moradias, em outubro de 1980. Sobre isso, o Jornal O Estado veiculou que “o conjunto Dirceu Arcoverde II é uma verdadeira cidade e o maior [empreendimento habitacional] já construído no Nordeste com recursos do Sistema Financeiro da Habitação” (ARCOVERDE II... 1980, p. 01). Sobre as moradias desse conjunto, o Jornal O Estado afirmou que “essas casas chamadas de ‘embrião’, dispõem de um único cômodo, um banheiro sem porta, uma cozinha sem qualquer azulejo e uma pia para lavar roupa na parte posterior da construção” (TERESINENSE... 1980, p. 02). Considerando as informações dessa citação, podemos inferir que, tanto o Itararé I quanto o Itararé II passaram por dificuldades infra-estruturais semelhantes que, no entanto não tiraram o brilho

acerca da grandiosidade dos dois conjuntos.

Outros marcos inaugurais relevantes também favoreceram a expansão urbana do Dirceu Arcoverde. Um exemplo disso foi a construção da Rodoviária e da ponte que liga a região do Grande Dirceu à zona Sul e visava, principalmente, atender às necessidades e a população do Grande Dirceu e imediações. Sobre a construção da Rodoviária e a “Ponte da Catarina” e sua proximidade com bairro Itararé, o jornal O Estado de 2 de outubro de 1980 afirmou que as obras vieram complementar o contorno rodoviário da cidade e facilitar o tráfego para o bairro.

A inauguração do hospital no bairro Itararé II, em dezembro de 1981, como informa o jornal O Dia do dia 17 de dezembro daquele ano, constituiu um outro evento importante para a população daquela região tendo em vista que o bairro ficava distante do centro da cidade, e consequentemente do pólo de saúde, o que em muito facilitou o acesso do grande número de mutuários à saúde pública.

A apropriação histórica acerca da construção e a ocupação do bairro Itararé trouxeram-nos inúmeras informações relevantes e até então desconhecidas sobre esse conjunto habitacional, que em seus primórdios passou por muitos problemas que diziam respeito à sua infra-estrutura precária. Os prédios públicos implantados proporcionaram a fixação de uma população carente e favoreceu, ao lado de outras construções, o crescimento urbanístico dessa região. A partir de agora discutiremos achados importantes sobre as três primeiras instituições escolares do bairro, o CSU e a Fundação Bradesco, prédios públicos relevantes para o contexto educacional daquela região.

Instituições Escolares Públicas e Privadas no Itararé

As escolas Odylo de Brito Ramos, Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves proporcionaram a inserção de sujeitos esquecidos, marginalizados e sem perspectiva no meio social através da educação formal que acontecia no interior dessas instituições escolares. Portanto, a escola é “um valor social compreensível por toda população, que reconhece facilmente sua importância e necessidade” (GONÇALVES NETO, 2002, p. 224); mais ainda: são espaços impregnados de valores e ideias educacionais, claramente marcadas pelas políticas educacionais de uma época. Dessa forma, “o conhecimento nunca é neutro, isto é, desinteressado e imparcial” (SAVIANI, 2007, p. 23), que sempre, mesmo que em suas entrelinhas, revelam os pensamentos e a ideologia de uma sociedade conforme os estudos e constatações de Buffa (2002).

Nos arquivos mortos das instituições escolares investigadas encontramos muitos registros relevantes carregados de “valor histórico-cultural” que compreendem a realidade das escolas investigadas (BONATO, 2005). Análises de documentos achados nesses arquivos mortos possibilitaram-nos encontrar indícios da Caixa Escolar, que nada mais era que uma espécie de contribuição financeira para a escola, sendo pago pelos familiares das crianças, o que indiretamente contribuía para elevados níveis de repetência e desistência que constatamos nos diários escolares no período compreendido pela pesquisa nas instituições foco de nossas investigações. Tal informação nos fez interrogar sobre o caráter público das instituições em questão e de que forma a educação da época podia se estender a todos visto que as escolas estavam localizadas em uma das regiões mais carentes de Teresina.

As disciplinas que faziam parte da grade curricular dessas escolas em muito chamaram nossa atenção. Disciplinas como técnicas agrícolas, técnicas industriais e comerciais foram favorecidas pela Lei 5.692/71, que privilegiava o ensino profissionalizante e logo foi adotada pelo estado, apesar de sua condição financeira insatisfatória. Outras disciplinas como Língua Nacional (Português), Língua Estrangeira (Inglês), Matemática, Ciências, Estudos Sociais, Educação Física, Educação Artística e Religião completavam a grade curricular dessas escolas, ao lado da disciplina Educação Moral e Cívica, instituída pela Ditadura Militar, em 1969, como uma forma de “enquadrar o comportamento das pessoas dentro de um padrão social, que estava sendo construído pelo Estado” (ABREU; INÁCIO FILHO, 2006, p. 125).

No entanto, o ato de “enquadrar o comportamento das pessoas dentro de um padrão social” não era papel apenas da disciplina Educação Moral e Cívica. Nos escritos dos diários das escolas Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves encontramos que “conversar sobre a mentira”, aprender a ter “atitudes de cortesia”, conhecer sobre as “datas cívicas e religiosas” eram assuntos comuns na prática escolar das professoras primárias dessas escolas. Ainda encontramos registros que informavam sobre a realização de “oração em homenagem à Maria nossa mãe, Pai-nosso”, “leitura e escrita da oração Pai-nosso” e “leituras do Evangelho” durante as aulas.

Como podemos ver, dentro das três primeiras instituições escolares investigadas encontramos algumas informações que remetem à ação da Igreja Católica nas unidades escolares estudadas. Tendo em vista tal informação, direcionamos nossas investigações para a Igreja Católica do bairro a fim de analisar a documentação lá existente, pois sabemos que “é possível conhecer a história das instituições escolares em arquivos que não sejam propriamente escolares” (MIGUEL, 2007, p. 34). No livro tomo da Paróquia São Francisco de Assis encontramos registros que mostravam a realização de celebrações religiosas como

missas e os sacramentos nas primeiras escolas do bairro, sob a “orientação das irmãs de Santa Catarina”. Em alguns registros encontramos mais claramente a realização de atividades religiosas naquelas instituições e o motivo de as mesmas serem realizadas naqueles espaços: “O ato litúrgico realizou-se na Unidade Escolar Odilo Ramos devido ao nosso salão comunitário ser pequeno para comportar 58 jovens crismandos, padrinhos, pais e demais assistentes”. Tendo por base o registro anterior, é relevante salientar que o prédio da Igreja Católica não existia; a sede provisória da Igreja era um pequeno salão comunitário como expõe a fonte.

Tendo como base os apontamentos anteriores entendemos que as primeiras instituições escolares investigadas não estavam destinadas apenas a instrução formal; tais prédios públicos eram espaços de atuação da Igreja Católica e o espaço escolar, ou “o colégio deixara de ser apenas um local de aprendizagem de saberes para tornar-se também um lugar de incorporação de comportamentos e hábitos exigidos por uma “ciência de governo” que transcendia e dirigia a formação cristã e as aprendizagens disciplinares” (DOMINIQUE JÚLIA apud FARIA FILHO et al., 2004, p. 144).

A Igreja Católica foi a pioneira entre as demais instituições religiosas no bairro, educava a sua maneira e traçou seu caminho dentro das instituições escolares estudadas, onde caminhavam lado a lado. Dessa forma, não podemos desvirtuar o caráter formador da Igreja Católica nem das outras instituições sociais, visto que todos “os espaços educam” (BUFFA, 2007, p. 157). Acerca disso, Medeiros Neta nos lembra que “[...] o público e o privado constituem o cidadão em processo constante de educabilidade, ou de forma mais ampla de pedagogização seja no lar e em família, nas escolas, seja nas **cerimônias** cívicas e **religiosas** [...]” (MEDEIROS NETA, 2010, p. 214, grifo nosso).

Dessa forma as escolas investigadas também eram espaços de formação religiosa onde a Igreja Católica tinha o papel de instruir e educar formalmente toda aquela comunidade. No entanto, a Igreja Católica não foi a única a manter uma estreita relação educacional com o bairro Itararé ao lado das primeiras instituições escolares em estudo. Próximo a essas instituições educativas funcionava o Centro Social Urbano (CSU) que também era também considerado elemento de formação educacional, que atendia as demais faixas etárias (crianças, jovens, adultos e idosos) através de cursos profissionalizantes, cursos de capacitação e funcionava como colônia de férias nos períodos de recesso escolar. A região onde estavam fixadas as escolas tinha uma localização privilegiada e estratégica, pois a avenida principal de acesso dos ônibus ficava em frente, e, logo atrás do Grupo Escolar ficava o CSU do bairro. Tal região podia ser considerada como um núcleo educacional do conjunto

em desenvolvimento. Atualmente, o CSU deu lugar à Universidade Estadual do Piauí (UESPI), dando prosseguimento à sua função, de um espaço voltado para a prática educacional, visto que abriga as principais instituições educativas da região.

O local onde esses prédios públicos estavam fixados não deixava de chamar a atenção da população por ser um espaço educativo que transmitia ao conjunto habitacional traços urbanísticos. Segundo Buffa (2007) é necessário atentar para essas “questões de urbanismo” tendo em vista que tais prédios mantinham estreita relação com os demais elementos formadores do Itararé: moradores, sociedade, casas, prédios públicos, vias de acesso.

No ano de 1982, foi fundada a escola privada de cunho filantrópico Fundação Bradesco, cujo seu principal objetivo era atender educacional e socialmente alunos carentes do bairro Itararé. Sobre a importância dessa escola, na época já implantada em outros estados brasileiros, o jornal O Estado pontua que ela iria contribuir com “a alfabetização de crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, dos bairros periféricos mais carentes de ensino, a nova unidade [...] abrigará inicialmente 497 crianças” (FUNDAÇÃO... 1982, p. 10). O jornal O Dia também faz menção as qualidades da nova escola como podemos conferir a seguir:

Contando com **8 salas** de aula e com a implantação gradativa das demais séries nos anos seguintes, sua capacidade de atendimento instalada é para até 1.080 alunos [...]. Contando no momento com 17 professores e 13 funcionários administrativos, manterá ainda **cozinha, gabinete dentário e enfermaria** para atendimento da população escolar, além de **laboratórios e 2 quadras de Educação Física**. Além das matérias do núcleo comum, o currículo prevê também aulas de artes industriais e educação para o lar, num trabalho de integração do aluno com o seu meio ambiente. (O BRADESCO... O Dia, 06 jul. 1982, p. 05, grifo nosso)

Traçando um paralelo entre a escola recém-inaugurada com as três primeiras instituições escolares do bairro Itararé, vemos nitidamente a diferença estrutural entre elas. Apesar de as instituições em estudo possuírem 15 salas de aula cada, deixavam a desejar em outros aspectos, pois como vimos anteriormente na citação, a escola dava todo um amparo em relação a educação por possuir dois laboratórios para estudos e duas quadras para atividades de Educação Física, além disso a escola também era preocupada com o bem estar dos alunos tendo em vista que possuía em seu prédio gabinete dentário e enfermaria.

Tendo em vista as considerações anteriores não há dúvidas que a inauguração da Fundação Bradesco foi um importante marco urbanístico e educacional para o bairro Dirceu Arcoverde que despertou a atenção de toda a população local por conta de sua organização e disciplina escolar, além de sua infra-estrutura arquitetônica que concedeu certa imponência aos conjuntos habitacionais Dirceu Arcoverde I e Dirceu Arcoverde II e possibilitou o

crescimento urbano de toda aquela região.

Considerações Finais

Levando em consideração nossas investigações, constatamos que o bairro Itararé no início de sua ocupação passava por diversos problemas infra-estruturais. Diante de tais problemas muitos mutuários desistiam de residir nesse empreendimento habitacional, que tinha como principal objetivo o desfavelamento da zona leste da capital piauiense. Para combater tal prática, o Governo planejou, desde o projeto de construção do bairro, em construir prédios públicos a fim de fixar a população nessa região. Entre os primeiros prédios públicos estavam o centro comercial (atual mercado do Dirceu I), a delegacia distrital e as três primeiras instituições escolares – Odylo de Brito Ramos, Maria do Carmo Reverdosa da Cruz e Júlia Nunes Alves - com quinze salas de aula cada. Posteriormente, também foi construído o Centro Social Urbano que, ao lado das três primeiras instituições escolares do bairro, tinham a função de atender educacionalmente os primeiros mutuários.

Apesar das três primeiras instituições educativas investigadas despontarem como elementos urbanísticos importantes e terem destaque quanto ao papel educativo do bairro, as mesmas passavam por problemas como evasão escolar e repetência, motivadas muitas vezes em razão da cobrança da caixa-escolar, que, apesar de ser um valor considerado baixo, não cabia no orçamento de uma família de baixa renda com grande número de filhos. As práticas escolares dessas escolas eram permeadas de ensinamentos e dogmas católicos e visava inculcar na clientela atendida valores morais e éticos previstos pela nossa sociedade, tendo em vista moldar o comportamento daqueles alunos. Tal prática nada mais era que o reflexo da atuação da Igreja Católica naquelas instituições escolares através da realização de missas e sacramentos naqueles espaços.

Em 1982 foi implantada na região a escola de cunho privado e filantrópica Fundação Bradesco e objetivava reforçar a educação na região. A Fundação Bradesco era considerada uma escola padrão e tinha em vista atender os alunos carentes dessa região. Essa instituição educativa diferenciava-se das primeiras instituições escolares do bairro em relação à sua estrutura física bastante ampla que contemplava quadras de esporte, biblioteca e salas destinadas ao atendimento médico e odontológico.

O bairro Itararé foi planejado, assim como seus prédios públicos, de acordo com os documentos oficiais da ADH e através das fontes hemerográficas encontradas. Traçando um paralelo de nossas descobertas com o trabalho de Olívia Medeiros Neta podemos afirmar que

o bairro Itararé, tal como uma cidade, “é [...] o sonho de uma ordem, um projeto com consciência racionalizadora que organiza os homens dentro de uma paisagem urbana com forma planejada e de conformidade com as orientações administrativas, militares, comerciais, religiosas e escolares” (MEDEIROS NETA, 2010, p. 217).

Referências

ABREU, Vanessa Kern de; INÁCIO FILHO, Geraldo. A Educação Moral e Cívica – Doutrina, Disciplina e Prática Educativa. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 24, dez. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art11_24.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2011.

ARCOVERDE II é uma cidade quase total. Teresina: **O Estado**, 16 out. 1980, p. 01.

ATA DOS TRABALHOS. Teresina: **COHAB-PI**, 1977, p. 01.

BONATO, Nilda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, n. 10, jul./dez. 2005, p. 193-221. ISSN: 1519-5902

BUFFA, Ester. História e Filosofia das Instituições Escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: Instituições escolares e Educação na Imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002 – (Coleção Memória da Educação), p. 25-38.

BUFFA, Ester. **Os estudos sobre Instituições Escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas**. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura...[et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceitos e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007– (Coleção Memória da Educação), p. 151-164.

CERTIDÃO de construção do bairro Itararé. Teresina: **COHAB-PI**, 1981, p. 01.

COHAB: mais casas. Teresina: **Jornal do Piauí**, 16 set. 1977, p. 03.

CONCLUÍDAS as duas pontes sobre o Poti. Teresina: **O Estado**, 02 out. 1980, p. 05.

DIRCEU assina convênio para calçar todo Itararé. Teresina: **O Estado**, 28 jul. 1978, p. 07.

FARIA FILHO, et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, jan./abr. 2004, p. 139-159. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

FUNDAÇÃO Bradesco inaugura escola. Teresina: **O Estado**, 06 jul. 1982, p. 10.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Imprensa, civilização e educação**: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio(orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira**: Instituições escolares e Educação na Imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002 – (Coleção Memória da Educação), p. 197-225.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. É possível uma pedagogia da cidade? Revista HISTEDBR *on line*, n. 40, dez. 2010, p. 212-221. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/40/art13_40.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2011.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank. Os arquivos e fontes como conhecimento da História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura...[et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceitos e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007– (Coleção Memória da Educação), p. 31-38.

O BRADESCO está inaugurando mais bancos escolares. Teresina: **O Dia**, 06 jul. 1982, p. 05.

O ITARARÉ... Teresina: **O Estado**, 13 jul. 1978, p. 02.

POVO solicita calçamentos no itararé. Teresina: **O Dia**, 05-06 mar. 1978, p. 01.

SANFELICE, José Luis. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura...[et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceitos e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007– (Coleção Memória da Educação), p. 75-93.

SANFELICE, José Luís. História e historiografia de instituições escolares. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 35, set. 2009, p. 192-200. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2011.

SAVIANI, Demerval. **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura...[et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceitos e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007– (Coleção Memória da Educação), p. 3-30.

TERESINENSE não viu o presidente. Teresina: **O Estado**, 18 out. 1980, p. 02.

UNIDADE de saúde elege diretoria no Arcoverde. Teresina: **O Dia**, 17 dez. 1981, p. 07.